

## RELATO DE EXPERIÊNCIA\*

Territórios indígenas no extremo sul da Bahia: Um momento de reconhecimento e reflexão sobre os territórios e seus moradores originais

Sara Pacheco de Sousa<sup>1</sup>

Resumo: O presente relato se trata de uma experiência aplicada a turmas de sétimos anos da Escola Municipal São Geraldo, no município de Teixeira de Freitas - Bahia, em que a proposta era refletir com os estudantes sobre o território onde moram, reconhecendo-o como parte de antigos territórios indígenas do povo Pataxó, pan-grupo que abarcou outras etnias da família Maxakalí. Buscou-se elucidar questões trazidas pelos estudantes acerca de seu olhar sobre os povos nativos da região, sobre a história do povo Pataxó, sobre a violência sofrida por eles, além do ressurgimento da etnia no extremo sul baiano.

Palavras-chave: Território pataxó – extremo sul da Bahia – reconhecimento

### Introdução

É comum encontrar grupos indígenas transitando ou morando temporariamente em praças, rodoviária e ruas da cidade de Teixeira de Freitas, sendo acusados de pequenos furtos, serem perseguidos e estigmatizados por estarem nos espaços urbanos, vivendo de forma inapropriada e a comprometer a estética dos devidos logradouros.

Teixeira de Freitas é um município do Extremo Sul da Bahia, sendo sede desta região e um lugar de passagem e itinerância para diversos grupos, posto que se desenvolveu às margens da BR 101 – rodovia que dá acesso aos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Assim, é um

---

<sup>1</sup> Licenciada em História pela Universidade do Estado da Bahia. Teixeira de Freitas – Bahia. E-mail: sarapachecodesousa@yahoo.com.br. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5696447099618000>

\* PRODUZIDO NO ÂMBITO DO CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES EM HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA – 4ª ED. REALIZADO 10 DE FEVEREIRO A 13 DE ABRIL DE 2024.

eixo para estradas que se ligam ao litoral, bem como a zonas rurais (SILVA, 2013). Por ter surgido como povoado em torno do comércio, destacou-se por esta atividade econômica, que logo atraiu as madeireiras e serrarias capixabas, mineiras entre outros, tornando-se um lugar densamente povoado e com grande vocação para comércio e prestação de serviços.

Entretanto, o que pouco se compreende pela população contemporânea é que toda a região do Extremo Sul baiano fora território indígena. Sendo habitada por diversos grupos étnicos tais como Tupinikins (“índios” praiheiros) e o Pan-Pataxó, (grupo no qual se incluíam os povos Monoxó, Kutatoi, Maxakali, Maconi, Kopoxó e Panhame e Pataxó), sendo que, desde o século XVI, havia relatos de contatos em que colonos cometiam hostilidades e privações a grupos indígenas, bem como relatos de viajantes, a partir de 1815, que narraram a presença de povos do grupo pataxó ocupando, desde a região do Rio Cricaré ou Rio São Mateus (Espírito Santo) até o Rio Jequitinhonha, no sul da Bahia (BATISTA, 2010; SOUZA, 2012).

Segundo Batista (2010), as narrativas de viajantes e depois de ocupantes estrangeiros na região do extremo sul baiano mostram a presença indígena e apontam para a construção de preconceitos e estereótipos acerca dos povos originários como sendo povos arredios, desconfiados, pacatos, preguiçosos, desde a época do “Descobrimento”, reforçados sobremaneira, a partir do período do Império Brasileiro, época em que foram concedidas terras para estrangeiros, e também, no século XX, quando da criação do Parque Nacional do Monte Pascoal.

É necessário dizer que, na segunda metade do século XX, a violência e estereotipação das comunidades indígenas ganharam contornos mais fortes, pois nesta época os grupos classificados como pan-pataxó/pataxós se viram reduzidos a Aldeia de Belo Jardim, na Bahia (BATISTA, 2010), pelo Decreto nº 242, de 29/11/61, criando o Parque Nacional Monte Pascoal, implicando na preservação do patrimônio natural pelo qual os grupos nativos tiveram de se retirar de suas terras sobrepostas pelo Parque; houve tentativa pelo governo brasileiro de levar este grupo para o norte de Minas Gerais. (BATISTA, 2010).

No decurso desses acontecimentos, ainda se registra o episódio mais conhecido como o “Fogo de 1951” em que invasões às terras indígenas pataxós no sul da Bahia e assaltos geraram um conflito entre não indígenas e indígenas de Corumbau, envolvendo a aldeia Barra Velha, que, ao final, foi incendiada e houve a expulsão de seus moradores indígenas, que fugiram do local desesperados, e se dispersaram por anos desta região (SOUZA, 2012).

A história do extremo sul baiano que, o seus habitantes atuais ignoram ou tratam com preconceito e estranheza, diz respeito aos povos originários, ou seja, os que habitavam primeiro toda esta região, incluindo parte do Espírito Santo e Minas Gerais, desde tempos imemoriais<sup>2</sup>. No passado era local de itinerância, caça, rituais e vivências destes povos.

A saber, o povo indígena que habita a região do extremo sul da Bahia se autodenomina Pataxó. Ocupam 44 aldeias distribuídas pelos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália, Prado (Cumuruxativa, Corumbau), Itamaraju (Montinho), no estado da Bahia, e nos municípios de Carmésia, Arassuaí, Açucena e Itapeçerica, em Minas Gerais. Falam a língua denominada recentemente Patxohã (língua de guerreiro), que é um esforço da geração atual de resgatar o idioma pataxó, a partir dos saberes dos anciãos das aldeias. Vivem do artesanato, da pesca, da agricultura e do etnoturismo (BOMFIM, 2017; SOUZA, 2012). E, atualmente, lutam pela expansão de seu território, demarcado pelo governo federal em 1982, após conflitos originados pelo Decreto de criação do Parque Nacional Monte Pascoal (BOMFIM, 2017).

Como se pode perceber, tratar da temática proposta em sala de aula é uma ação que visa dar reconhecimento aos povos indígenas que moravam/moram e transitavam/transitam pela região, legitimando o direito destes aos seus territórios, modos, costumes e o entendimento de que existem diferentes formas de viver (do eu e do outro), contribuindo para o respeito à diversidade e à alteridade dos povos indígenas.

## Desenvolvimento

---

<sup>2</sup> A expressão “Tempos imemoriais” se refere a um tempo que de tão antigo, não se consegue ter lembrança.

A atividade foi desenvolvida na escola Municipal São Geraldo, pertencente à rede municipal de ensino do Município de Teixeira de Freitas, extremo sul da Bahia, em duas turmas de sétimo ano, com um total de 84 estudantes participando da experiência planejada para quatro aulas da disciplina História, cada aula de cinquenta minutos, entre os dias 05 e 20 de março de 2024.

Para que se atingissem os objetivos da proposta, foi trabalhado com o alunado a região do extremo sul baiano, reconhecendo-a como pertencente a territórios indígenas. Recordando dos ensinamentos de Paulo Freire, nos quais o estudante é um sujeito de seu próprio saber, faz-se necessário estreitar as relações entre os conteúdos curriculares e os saberes populares trazidos por estes educandos, (FREIRE, 2026, P.17). Assim, a educação tem que ser crítica e fazer sentido. Tem que ser uma construção educando-educador dos saberes e proporcionar a ambos uma postura ética para notar e interferir na “boniteza e na feiura do mundo” (FREIRE, 2016, P.27). Por este viés, o tema foi apresentado, fazendo ligações das histórias dos estudantes ao histórico de ocupações indígenas na região. Afinal, todos tem uma história de uma “avó pega pelo laço na mata”, ou de algum remédio caseiro de avó, algum sobrenome ou algum avô legitimamente reconhecido como indígena. É neste campo do reconhecimento de si que se pretendeu introduzir e falar sobre as heranças indígenas do extremo sul baiano, provocando o alunado a pensar os porquês: Quais hipóteses? Quais seriam as explicações?

Em um segundo momento, o tema foi abordado através de vídeo: “Índios Pataxós e a terra do descobrimento”, disponível no Youtube, em que se proporcionou que os estudantes tivessem contato com a história do povo que habita nossa região, podendo ouvir a versão contada por membros desta etnia. Um ponto importante a se salientar é que, infelizmente, por questões de logística, não houve possibilidade de ter conosco um indígena que contasse a história; entretanto, através desse vídeo, oportunizamos ver e ouvir indígenas fazendo relatos de si e da marcha enfrentada por seu povo no extremo sul baiano em busca de demarcação e de ampliação de seus territórios. Após o vídeo, as turmas foram organizadas para uma conversa sobre a temática, elucidando dúvidas e curiosidades vistas.

Seguindo a programação, os estudantes foram orientados a realizar leitura em grupos, de um pequeno texto ainda tratando da história do povo estudado, sua origem, aculturação e ressurgimento no sul da Bahia. O texto é um recorte da produção colhida em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>, e, a partir dele, os alunos precisavam registrar os limites dos territórios originalmente ocupados pelo povo Pataxó.

Abrindo caminho para a próxima etapa, o texto deu suporte para que os mesmos grupos pudessem receber um mapa do extremo sul da Bahia e localizassem os municípios em que houvessem comunidades/aldeamentos indígenas na atualidade. E, a partir daí, pintar e criar legendas dessas comunidades. Essa atividade tem como finalidade instigar os estudantes a se perceberem habitando terras que anteriormente eram indígenas.

Para finalizar a proposta, houve uma pequena dinâmica em que os estudantes buscaram, em revistas e jornais, imagens que demonstravam o que eles compreendem como indígenas para compor um painel. Nesta atividade, pretendíamos sondar os conceitos de “ser indígena” construídos pelos estudantes; se ainda possuem a ideia de indígena como aquele que usa cocar, vive em aldeias, nus, descalços, usando arco e flecha; ou se já conseguiam compreender que este mesmo indígena vive de acordo com a sociedade moderna, acompanhando o avanço tecnológico e a utiliza sem necessariamente deixar de ser indígena. Dessa maneira, os grupos expuseram seus painéis, constituindo um espaço para a discussão dos estereótipos socialmente construídos sobre o ser indígena no Brasil.

## Resultados

A realização da atividade trouxe uma série de indagações por parte dos alunos, a iniciar pelo incômodo que sentem ao avistarem grupos indígenas Maxakalí, perambulando pelas ruas e vivendo em praças da cidade - o território amplo que pertencia aos grupos indígenas antes das ocupações por parte de não-indígenas; a presença indígena em forma de palavras que dão nomes as cidades do sul e extremo sul da Bahia e a imagem que eles possuem dos indígenas como sendo ainda povos “atrasados” e “enfeitados” – única face aceitável para considerar alguém como indígena para eles.

Para o grupo de estudantes, a presença indígena era vista de forma preconceituosa, demonstrando as construções colonialistas na formação dos pensamentos comuns deles. Assim sendo, a prática oportunizou discutir e conhecer os motivos ligados à cosmologia desses povos, que os fazem percorrer seus antigos territórios até cumprir o "ciclo" tradicional e ancestral que praticam desde tempos imemoriais por toda a região.

Sendo assim, era desconhecido que as atuais cidades existentes no sul e extremo sul baianos outrora foram territórios nativos. Portanto, descobrir que toda a extensão do norte capixaba até Porto Seguro, na Bahia, como lugar de moradia e itinerância de diversos povos indígenas trouxe significado elucidativo para a questão: “então somos nós que ocupamos as terras indígenas e não o contrário”; uma vez que o histórico de retirada, a expulsão de diversos grupos nativos, além de tentativas de aldeamentos de forma violenta fizeram com que as práticas de vida cotidiana de diversos grupos ficassem cada vez mais comprometidas (BATISTA, 2010), sobrando muitas vezes a marginalidade – tais dados tornaram facilitada a compreensão das ocupações de espaços urbanos.

Seguindo, os estudantes observaram que mesmo com um vasto território, hoje são poucas cidades que são reconhecidas como território indígena, possuindo aldeias e terras destinadas a grupos. Os pataxó ocupam poucos espaços em cidades como Prado, Itamaraju e Porto Seguro. Entretanto, os estudantes identificaram que apesar deste fato, há uma grande influência de línguas originárias presentes em nomes de cidades vizinhas: Ibirapôã, Itanhém, Mucuri, Cumuruxatiba (localidade), dentre outras, demonstrando que fizeram paralelo entre o tema e o reconhecimento deste território como pertencente aos povos originários.

Por fim, durante a dinâmica sobre qual é a imagem do indígena que os estudantes possuem, emergiu o arquétipo do selvagem enfeitado com plumária e pinturas corporais, portador de arco e flecha, caçando e pescando. Compreender que os diversos grupos indígenas acompanharam os avanços e facilidades das tecnologias foi um verdadeiro espanto, pois para as turmas, uma vez que se utiliza objetos e modos de vida não-indígenas deixa-se de ser indígena. Discussão necessária para compreender que o que torna uma pessoa indígena é a própria pessoa se autodeclarar indígena e ser reconhecida por seus pares em suas comunidades, pois como

advoga o professor Eduardo Viveiro de Castro, em entrevista ao Instituto Socioambiental, “ser indígena é mais uma questão de ser do que aparecer” (RICARDO; RICARDO, 2006, 42 P.).



Fotografia 1: Estudantes elaborado um painel trazendo sua visão sobre quem são os povos indígenas.

Fotografia 2: Grupo de alunos verificam o seu modo de enxergar os povos indígenas

#### Conclusão

A proposta, apesar de tímida e de carecer de maior riqueza no que diz respeito a fundamentação teórica, mostrou-se uma atividade inaugural, abrindo caminhos para próximas discussões. Assim, quebra-se a ideia de que falar sobre os povos indígenas deve ser feito apenas no dia 19

de abril; ademais afastou-se da ideia fantasiosa de trazer o indígena como um bom selvagem ou travestido de “índio”. Merece menção o fato de esta experiência ter sido inédita para os alunos, para a escola e também para a professora, o que demonstra a necessidade de mais atividades por outros períodos, abordando outras temáticas e fazendo interface com outros saberes e disciplinas, bem como de oportunizar a construção de novas narrativas a partir de outros lugares de falas, a saber, dos próprios povos originários da região.

## Referências

BATISTA, Geovanda Maria. **Processos de etnogênese dos Pataxó em Cumuruxatiba no município do Prado-BA**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 19, n. 33, p. 135-145, jan./jun. 2010.

BOMFIM, Anari Braz. **Patxohã: a retomada da língua do povo Pataxó**. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 13, n.1 jan de 2017, p. 303-327. ISSN 2238-975X 1. [https://revistas.ufrj.br/index.php/rl]

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RICARDO, Beto; RICARDO, Fany. No Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é. Entrevista de Eduardo Viveiros de Castro. In: **Povos Indígenas no Brasil: 2001-2005**. São Paulo, 2006. 41-46p.

SILVA, Daniel Rocha da. **Exploração madeireira em Teixeira de Freitas**. Teixeira de Freitas, 04. Dez.2013. <http://www.tirabanha.com.br/2013/12/04/exploracao-madeireira-em-teixeira-de-freitas/> Acesso em 25/02/ 2024.

SOUZA, Arissana Bomfim de. **Pataxó**. Povos Indígenas no Brasil, 2012. <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3#Nome>, Acessado em 25/02/2024.